

Anuário de Literatura

Volume 15

Número 02

A Literatura no ensino
fundamental: leitura e recepção

Luciene Fontão
Doutoranda em Literatura - UFSC

RESUMO: Na escola de ensino fundamental a presença da literatura clássica faz-se necessária para dotar o aluno de leituras que substanciem e descortinem as várias possibilidades de apreensão da cultura socialmente acumulada pela humanidade desde o advento da escrita, bem como, faz-se necessário que o desenvolvimento de um bom leitor ocorra. Para isso, ler os clássicos pode constituir-se em um argumento fortíssimo quando pensamos na intertextualidade e na fortuna crítica da Literatura enquanto objeto primaz de manifestação cultural. Pensando nisso, o artigo traz contribuições para se pensar um projeto que vise na educação básica o desenvolvimento da criança leitora, a partir das obras de ficção de Literatura Infanto-juvenil e a narrativa intertextual considerando os mitos, lendas, contos, crônicas e fábulas até chegar nos romances.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Reflexão, Leitura e Recepção.

ABSTRACT: In the school of basic education the presence of classic literature becomes necessary to endow the pupil with readings that substantiate and disclose the some possibilities of apprehension of the culture socially accumulated by the humanity since the advent of the writing, as well as, become necessary that the development of a good reader occurs. For this, to read the classics can consist in an argument when we think about the semantics of texts and contexts and the critical richness of Literature while first in rank object of cultural manifestation. Thinking about this, the article brings contributions to think a project that aims at in the basic education the development of the reading child, from the workmanships of fiction of Literature for children and the narrative considering myths, legends, stories, chronicles and fabulist until arriving in the romances, contrasting with the media contemporary.

KEYWORDS: Literature, Reflection, Reading and Reception

Não vejo razão para não continuar considerando Monteiro Lobato como uma das muitas lendas maravilhosas inventadas por ele próprio. A lenda dum homem dinâmico num país apático; de um homem vivo num povo cuja maior parte está semimorta porque tem sido abandonada, porque vegeta subalimentada, sem escolas, sem hospitais, sem nada; dum homem de espírito a bradar revoltado em meio da mediocridade ou da indiferença. (Érico Veríssimo³)

Introdução

Com o objetivo de discutir questões relevantes em relação à presença da Literatura na escola, partimos da premissa de que ler é satisfazer a alma em desenvolvimento, é vivenciar cada texto como sendo o único, considerando o método de como ensinar a Literatura e fazer dela um instrumento de aprendizagem; considerando a atitude do professor de português para cultivar o saudável hábito de ler e o lugar que ocupa a literatura na escola e na sociedade. Reflexões sobre questões como estas não poderiam ser elucidadas sem ao menos nos reportarmos à situação da leitura, da recepção e do uso do livro na escola, bem como no refletir a literatura como instrumento de aprendizagem de uma língua e suas múltiplas manifestações de linguagem.

Não parece tão claro assim, na atual conjuntura social, que ler a obra literária clássica tanto da literatura universal, bem como da literatura brasileira, seja um hábito na escola contemporânea. Embora se cultive o

³ Citação de Érico Veríssimo, escritor e crítico literário brasileiro, retirado do manual didático do ensino médio “Língua e Literatura” Vol. 02 . Faraco & Moura, São Paulo: Ed. Ática, 1995.

“contar histórias” e a visita à biblioteca como métodos de divulgação e disseminação da leitura na sala de aula e na escola, o trato com o texto literário e, principalmente, com os textos clássicos da mitologia, contos, lendas e fábulas, já não acontece como no passado, infelizmente. Lembrando Leahy-Dyos⁴, vemos que a Literatura passa a ser conteúdo obrigatório no ensino médio, mas deixado de lado, não raras vezes, pelo professor de ensino fundamental que está mais preocupado com o ensino da gramática, assim “os problemas examinados se concentram [...] na microestrutura das salas de aula em que literatura é ensinada e estudada como matéria compulsória para [...] os exames pós-ensino médio, [...] para o ingresso no domínio acadêmico das universidades”. Sem se constituir em domínio cultural prazeroso, mas critério hierarquizante na seleção de candidatos mais adequados e mais bem equipados intelectualmente e socioculturalmente para o ensino superior em cursos considerados de primeira linhagem pela sociedade, como no caso de medicina e direito, por exemplo.

Se no mundo escolar do passado os “contos de fadas” faziam a alegria das crianças do ensino fundamental, hoje a mídia televisiva, a informática, os quadrinhos e os desenhos ocuparam um espaço relevante, deixando de lado as histórias contadas a partir da linguagem meramente escrita e sem imagens. É a literatura imagética que tem sido encontrada nas bibliotecas escolares, são as edições adaptadas para a linguagem dos quadrinhos de grandes obras da

⁴ Leahy-Dyos, Cyana. Educação Literária como Metáfora Social. Eduff: Niterói, RJ, 2000. Item 5 Analisando e interpretando os signos: os signos brasileiros de educação literária. P. 189.

literatura que são distribuídas pelos programas do Ministério da Educação. Dessa forma, nossas bibliotecas escolares de domínio público têm apresentado um acervo muito mais consumível, panfletário, imagético e simplificado do que um acervo de coleções clássicas que primam por uma linguagem mais sofisticada, rebuscada e menos oral e visual.

Se pensarmos a escola do passado e a escola contemporânea, vamos perceber que o desenvolvimento de um leitor proficiente não se faz somente com um tipo de texto e sim com um conjunto de livros e textos que apresentam linguagens variadas, como também variados devem ser os métodos de desenvolvimento de leitura. No entanto, parece que fica evidente, também, o fato de que não basta ao aluno ler um clássico ou mesmo um livro didático que traga fragmentos de textos de obras-primas da literatura universal e brasileira, mas sim ler pelo gosto do ler, pela aventura do ler, pelo desejo de penetrar no mundo da leitura daquele determinado texto, daquela determinada história, apreendendo sobre a estética, as regras, características e parâmetros, a fim de descortinar e sanar o nível de dificuldade em realizar a leitura de diferentes gêneros textuais, produzir e interpretar textos. São dificuldades como estas que assombram os estudantes e professores em todos os níveis de ensino neste país, desde o século passado até nossos dias.

[...] diferentes instrumentos de avaliação, nacionais e estrangeiros, têm atestado o despreparo de nossos alunos quanto às capacidades leitoras. É o caso, por exemplo, do Programa Internacional de Avaliação de

Estudantes, (PISA) em cujo relatório de 2000 os estudantes brasileiros figuram em último lugar entre jovens (todos com 15 e 16 anos) de 32 países. A maior parte deles, isto é, 65% (entre os níveis 1 e 2 de um total de 5 níveis), conforme observa jurado (2003, 164), “mal conseguiu localizar informações que podiam ser inferidas em um texto; reconhecer a idéia principal em um texto, compreendendo as relações ou construindo um sentido; construir uma comparação ou várias conexões entre o texto e outros conhecimentos extraídos de experiência pessoal”.[...]⁵

E se o PISA averiguasse o quanto nossos alunos sabem sobre a cultura brasileira, qual seria o resultado? Tanto no final do século vinte, bem como no início deste século, ainda vivemos à sombra do primeiro mundo. Mesmo com uma indústria cultural em pleno desenvolvimento, ainda há um déficit de leitores na sociedade; produz-se muito mais livros no Brasil de hoje do que há vinte anos, mas o nível de divulgação e de disseminação de leitura e de leitores ainda fica aquém do que gostaria a indústria livreira. Há um vale imenso separando a realidade do povo brasileiro em relação à leitura proficiente, e vejo isso como um reflexo do pouco trabalho realizado na escola, bem como um reflexo do quanto os pais não lêem para os filhos, com os filhos ou por si mesmos. Se ler é um hábito, quanto mais se têm exemplos em casa deste hábito, tanto mais o ser humano pode refletir essa necessidade

⁵ CEREJA, William Roberto. Ensino de Literatura. São Paulo: Editora Atual, 2005.p. 10.

e esse desejo. Assim também acontece na escola, se o professor não lê, como vai querer desenvolver leitores? Se o professor não pesquisa em biblioteca e desenvolve um bom trabalho com seus alunos, como disseminar leitura?

Então, diante deste quadro, o que nós professores e estudiosos das Letras podemos fazer? Parece que a crise está institucionalizada em todas as instâncias, seja do ensino fundamental ao superior, a leitura de livros está perdendo espaço para outras fontes de absorção de informação e de cultura, será que por força das massas ou da indústria? Ou será pelo próprio esvaziamento do sentido e do significado, do signo ou do retrato de uma sociedade virtualizada? Não parece ser tão fácil o diagnóstico, nem mesmo tão simples a resolução dialética da conjuntura.

Começemos por pensar no que seria literatura, o que seria ler bem, o que seria ser um leitor proficiente e como ler literatura na escola de ensino fundamental. O que seria necessário fazer para poder garantir o desenvolvimento do potencial de posicionamento crítico do aluno?

“Será que é errado dizer que literatura é aquilo que cada um de nós considera literatura?” questiona Lajolo no segundo capítulo de seu livro “O que é Literatura?”, uma edição da Coleção Primeiros Passos da Nova Cultural/Brasiliense. Nesse capítulo ela continua questionando sobre “Por que não incluir num conceito amplo e aberto de literatura as linhas que cada um rabisca em momentos especiais? Ou aquele conto que alguém escreveu e está guardado na gaveta? Por que excluir da literatura o poema que seu amigo fez para a namorada? [...]” No entanto, não é possível considerar literatura textos

que não apresentam a mesma cidadania que os romances famosos, conforme nos refere a crítica, seja a consagrada, seja a dos jornais e revistas especializadas, nem tudo pode ser incluído nas “Altas Literaturas”, nem tudo, não é mesmo? Tendo em vista isto, podemos trabalhar com os clássicos, com o cânone e com os textos mais consagrados da literatura brasileira e universal tornando a aula mais atraente, sem, no entanto, desconsiderar a literatura local, regional e o fazer do estudante. Os clássicos seriam a base, o fundamento para o estudo e o aprendizado, o campo fértil para a construção da intelectualidade em conhecimento de textos e obras da Literatura dita de valor. Mas, o que poderia ser considerado em questão de valor como sendo de boa leitura?

Não querendo esgotar as questões com respostas “milagrosas e redentoras”, mas com o firme propósito de refletir e ao refletir buscar caminhos possíveis, há de se pensar nas noções do que venha a ser literatura, a partir do que diz Antônio Cândido (1995):

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que

possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente de nossa vontade.⁶

Assim, ler faz bem, ler literatura ainda mais; entretanto, ler o quê exatamente ou melhor quais autores selecionar e quais deixar de lado? Tarefa difícil! Quais dos grandes best sellers ou quais autores clássicos? Quê mito escolher, ou qual dos contemporâneos? Devemos ler todos os jornais e todas as revistas? E os contos? Conto de fada também ou a lenda? De qualquer maneira, há sempre uma escolha a fazer, autores a selecionar e obras a privilegiar, vai do gosto... cada leitor estabelece seu cânone, cada escola as obras prediletas, cada região os seus mártires... E assim, a literatura vai sendo disseminada.

“Um país se faz com homens e livros”⁷; e com as mães, preceptoras, babás e professoras contando uma história para o menino e a menina. Mas, o que venha a ser um clássico? Pode ser todo texto que precisa ser lido pelas crianças em formação, são os textos que vão ser lidos e que permanecem sendo relidos com o passar do tempo, pensando a obra como um fragmento

de matéria. Aquele consagrado pela crítica e pela teoria literária, que sobrevive no tempo e ocupa o espaço das maiores bibliotecas do mundo e das escolas e instituições de ensino.

Durante o curso⁸ foi proposto discutir e refletir sobre a leitura e o ensino da Literatura a partir da idéia de que a literatura, por maior que seja a sua força de transgressão, transita sempre por corredores institucionais. O foco consistia em questões relacionadas à disciplina de Literatura nos cursos de graduação e de pós-graduação, focando os objetos de estudos de teses e dissertações; então, a literatura ensinada passou a ser o objeto de estudo discutido, bem como a historiografia e seus mecanismos de inclusão, a crítica como instância legitimadora, as instituições literárias e os processos de consagração. Para este estudo foram lidos textos de diversas vertentes e pensamentos da crítica literária, como os de: Barthes, Boudieu, Cândido, Bloom, Jobim, Melo, Leahy-Dios, Zilberman, Compagnon, Lajolo, Lobo, Ramos, Moyses, Souza, Santiago, dentre outros. Desse aprendizado e dessas leituras feitas, passei a observar isto na prática docente também nas instituições de ensino médio e fundamental. E, então, para este trabalho, resolvi focar a área onde atuo: ensino fundamental. Comecei a questionar como seria a literatura nessa instância e se caberia ali uma aula só voltada para esta vertente do ensino de língua na escola básica.

⁶ CÂNDIDO, Antônio. O Direito à Literatura. In.: Vários Escritos. 3ª edição, revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 242.

⁷ LOBATO, Monteiro. Obras completas. Editora Brasiliense, 1997.

⁸ Curso realizado no semestre 2007.1, UFSC, PGL 3151 – Literatura Brasileira – Campo Intelectual e Instituições, sob a regência da Prof^a Dr^a Tânia de Oliveira Ramos.

Percebi que lá na base estão as respostas das angústias dos teóricos contemporâneos. É na falta de livro e de livro reconhecido pela crítica em nossas bibliotecas e na escassez da veiculação de livros nos bairros das classes menos favorecidas que está uma verdadeira “erva daninha” do desenvolvimento da educação e difusão da cultura: falta de material para leitura, não hábito para ler e estudar, pouco conteúdo significativo apreendido para a vida, excesso de informatização no ar, poluição visual e sonora, falta de concentração e de silêncio para o ato de ler em si, pouca vontade de se debruçar em folhas de papel, quando com um aparelho eletrônico, por exemplo, pode-se escutar todo o tipo de música, ver filmes, assistir programas com forte apelo visual, em detrimento do que está escrito e necessita de interpretação, abstração e inferência no desenvolvimento das faculdades cognitivas para este fim. Não estou dizendo aqui que outras mídias são melhores ou piores do que a leitura de livro na linguagem escrita, mas naturalmente, a partir da facilidade de conexão e de interação, a leitura de livro, um ato solitário em sua essência, está perdendo espaço na vida da criança e do jovem, bem como da maioria da população brasileira.

No entanto, não basta desenvolver o gosto pela leitura, mas a força de vontade e mesmo a necessidade de ler e ler sempre, como um hábito saudável para o equilíbrio da mente. Haroldo Bloom⁹ afirma que caso pretenda desenvolver a capacidade de formar opiniões críticas e chegar às

avaliações pessoais, o ser humano precisará continuar a ler por iniciativa própria. Também considera que a leitura é um hábito pessoal, e não somente uma prática educativa. A maneira como lemos hoje, quando o fazemos sozinhos, manifesta uma relação contínua com o passado, a despeito da leitura atualmente praticada nas academias.

Há, então aqui uma contradição entre o que Antonio Candido afirma e o que Haroldo Bloom considera, isso faz com que a metodologia utilizada para refletir o papel da Literatura na fomentação de bons leitores no ensino fundamental fique abalada. Por que se pensarmos como Bloom, não caberia à escola o papel de cultivar a literatura desde a base, mas sim a vontade e necessidade do leitor de assim o proceder. No entanto, como podemos apreender o real significado de importância da literatura no processo de desenvolvimento do ser humano, se não mostramos e disponibilizamos material para este fim? Como não ensinar a ler e sentir o prazer de ser um leitor proficiente se não incentivamos o ato de ler e de ler literatura? Acredito que não precisamos desenvolver críticos literários no ensino fundamental, isso seria abusivo, mas dotar a criança da habilidade reflexiva é um dos papéis da escola e isso só se torna possível se desenvolvemos bons leitores e leitores proficientes, o gosto em escolher o livro, a liberdade do que quer ler.

Questões desta natureza suscitam reflexão relacionada ao tratamento didático que se deve ter ao lidar com o ensino fundamental quando necessitamos desenvolver *habitus*, talvez. Ou, quem sabe, mesmo teórico, já

⁹ BLOOM, Harold. Como e Por que Ler.; tradução de José Roberto O’Shea – Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Prólogo. P. 17.

que considero estas questões de natureza prática. Pensando sob o ponto de vista do ensino-aprendizagem da língua pátria, precisamos definir e/ou delimitar as noções de leitura: O que é ler? Como se lê? Por que se lê? O que é ser um leitor proficiente?

Para uma tentativa de responder tais questões vamos lembrar do que Barthes¹⁰, em o “Rumor da Língua”, começa por colocar em dúvida:

nem mesmo sei se é preciso ter uma doutrina da leitura; não sei se a leitura não é, constitutivamente, um campo plural de práticas dispersas, de efeitos irreduzíveis, e se, conseqüentemente, a leitura da leitura, Metaleitura, não é nada mais do que um estilhaçar-se de idéias, de temores, de desejos, de gozos, de opressões, de que convenha falar à medida que surjam, à imagem do plural de grupos de trabalho[...].¹⁰

A noção de leitura para Barthes passa pela questão da não pertinência de objetos e de níveis, uma vez que podemos ler variados gêneros literários, discursivos e textuais, o que denota uma impertinência, e lê-los de variadas formas e com sentidos também variados. Para ele, toda leitura é penetrada de “Desejo”, seja positiva ou negativa, passa pelo interior de uma estrutura e não no espaço livre de uma espontaneidade: não há leitura natural. Assim, o

ato de ler é uma lei, que constitui a noção de grupo social, o que pode gerar um recalque, quando se pensa na escola e no ato de obrigar o aluno a ler determinado livro para a ficha de leitura em detrimento de outro. Para que o ato de ler seja prazeroso, é necessário que a leitura seja livre, porém, “a liberdade de leitura, qualquer que seja o preço a pagar, é também a liberdade de não ler.”¹¹ Assim, uma leitura desejante aparece marcada por dois traços fundamentais: 1. leitura em estado absolutamente separado, clandestino, no qual o mundo inteiro é abolido, o leitor – o lente- identifica-se com dois outros sujeitos humanos: o sujeito amoroso e o sujeito místico; 2. leitura de gabinete, em que todas as emoções do corpo estão presentes, misturadas, enroladas: a fascinação, a vacância, a dor, a volúpia, a leitura produz um corpo transtornado, mas não despedaçado. Uma leitura solitária e uma leitura de contagem, de comunidade, de grupo social. Qual das leituras é mais útil na escola e na vida? Diria que ambas, concordando com Barthes. Tanto se faz necessário ler pelo prazer de ler, bem como ler pela necessidade de desenvolver hábito e aprendizado de cultura escrita.

No entanto, não dá para dissociar, o ato de ler com o ato de ler por prazer. È para o despertar do prazer pela leitura que visa o estudo de literatura e o espaço da leitura na escola, na tentativa de construir um sujeito definido por Barthes:

[...] o leitor é de certo modo puxado para frente ao longo do livro por uma força que é sempre mais ou

¹⁰ BARTHES, Roland. O Rumor da Língua. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.p. 43.

¹¹ Idem, cf. p.46.

menos disfarçada, da ordem do suspense: o livro vai se abolindo pouco a pouco e é nesse desgaste impaciente, arrebatado, que reside o gozo; trata-se, principalmente, do prazer metonímico de toda narração, sem esquecer que o próprio saber ou a idéia podem ser contados, submetidos a um movimento de suspense.¹²

Para tanto, é necessário discutir também, além da noção de leitura, questões relevantes, tais como: O que é ser Professor de Literatura e Qual é o lugar da literatura na escola e na sociedade? Não seria possível responder estas questões sem ao menos nos reportarmos à questão da leitura de livro, estudo do texto e da cultura.

Com o intuito de desenvolver o hábito de leitura na escola e despertar o interesse do aluno pela literatura no ensino fundamental, a disciplina de Língua Portuguesa necessita integrar os conhecimentos e conceitos da Linguagem e da Literatura com outras disciplinas, interdisciplinariedade, que mostram, por exemplo, outras culturas, como a cultura da Antiguidade Clássica, sobre a cultura greco-romana e a Mitologia, ou mesmo a leitura de literatura de países de língua portuguesa, sobre a diversidade étnico-racial, dentre outras, em um processo de aprendizagem que envolva estratégia de pesquisa, de leitura, de reflexão, de análise de obra literária e produção de texto escrito.

Entender a disciplina de Língua Portuguesa no ensino fundamental na instituição escolar passa pela realização de projetos bem objetivados e com metas claras a serem cumpridas, promovendo assim o intercâmbio de áreas do conhecimento e do estudo dos mitos e lendas, principalmente no que concerne às heranças culturais dos povos que habitam o planeta e cultivam culturas as mais diversas, híbridas. Bem como disseminar a cultura nacional, local e em ascensão.

Sabe-se que a herança cultural greco-romana não só sobrevive em nossa cultura ocidental, como ainda orienta hábitos, costumes e crenças em nossa sociedade. É muito comum, então, na escola de ensino fundamental pensar o estudo da literatura infantil e/ou infanto-juvenil, em função do público alvo, considerando e usando o conjunto de obras de Monteiro Lobato, por exemplo, porque em seus textos verifica-se a aproximação da cultura universal à cultura nacional, bem como, por influência da mídia televisiva, a possibilidade de utilizar novas ferramentas de ensino-aprendizagem a partir de CD-Room, filmes, seriados na televisão juntamente com os livros de fácil busca nas bibliotecas de toda e qualquer escola do país, porque é presença marcante nos diversos livros didáticos do programa de seleção de livros didáticos do MEC. Na obra de Lobato, há uma forte presença da discussão do Mito, das lendas e adaptações das histórias de fadas e bruxas, bem como da cultura das matas brasileiras e do sertanejo. Sem falar no atraente exemplo que consiste a personagem Dona Benta. Porque, no mundo encantado do “Sítio do Pica-pau Amarelo” tudo pode acontecer, quando a Dona Benta

¹ ² Ibidem. Cf.p49.

desperta em seus netos, através da leitura, o fascínio pelos heróis e heroínas dos contos de fadas e, principalmente, pelos personagens das histórias fantásticas da Mitologia. Também se torna significativo, no mundo globalizado em que vivemos, trabalhar o tema: o mito do herói, porque está presente nos livros de narrativas infantis e infanto-juvenis, na biblioteca, nas histórias em quadrinhos, no cinema e nas mídias. Através do estudo do Mito o aluno pode entender o mundo figurativo em contraste com o mundo real e suas relações sociais, sua constituição enquanto sujeito sócio-histórico e ideológico, interagindo e dialogando com tudo que o envolve através da leitura; porque “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”¹³ para poder transformar-se em outros discursos e outros textos, produzidos no mundo contemporâneo por um sujeito multifacetado.

É claro que estamos aqui citando possibilidades, há muitas outras possíveis de serem veiculadas, basta direcionar o olhar para a meta de fomentar na criança o saudável ato de ler livros. Há outros autores como Ziraldo, Vinícius de Moraes, Cecília Meirelles, Alcides Bus, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Ricardo Azevedo, Werner Zotz, Horácio Nunes, Maria de Lourdes Kreeger, Franklin Cascaes, Lygia Bojunga Nunes, Viriato Correa, Érico Veríssimo, Mario Quintana, Fagundes Varela, Eva Furnari, Maria Clara Machado, Lúcia Machado de Almeida, Maria Heloisa Penteadó, Sylvia Orthof, dentre outros.

¹ ³ FREIRE, Paulo. Alfabetização: leitura da palavra leitura do Mundo. RJ: Paz e Terra, 1990.

O valor, na literatura e na vida, tem muito a ver com idiossincrático, com excessos que geram significados. Não é por acaso que para os historicistas – críticos que acreditam sermos, todos nós, predeterminados pela História Social – os personagens literários não passam de nomes impressos em uma página. Uma vez que nossos pensamentos não nos pertencem, Hamlet não era sequer um anamnese.¹⁴

Então, como podemos apreender o real significado de importância da literatura no processo de desenvolvimento do ser humano, se não mostramos e disponibilizamos material para este fim? Como não ensinar a ler e sentir o prazer de ser um leitor proficiente se não incentivamos o ato de ler e de ler literatura? Jobim afirma que

É claro que a não há familiaridade prévia com a literatura e o baixo nível de leitura, a que nos referimos anteriormente, têm raízes mais fundas em nossa formação social. Afinal, embora não seja o caso de desenvolver este tema aqui, não podemos deixar de mencionar em passant que o Brasil passou de uma situação de analfabetismo quase integral da população a uma situação em que – havendo ainda

¹ ⁴ BLOOM, Harold. Como e por que ler. Tradução José Roberto O’Shea. RJ: Objetiva, 2000, P. 19.

enormes contingentes populacionais analfabetos – os alfabetizados são submetidos a um contexto cultural em que o audiovisual predomina e sufoca a escrita. Então caberia perguntar: como o professor de uma área tão tradicionalmente vinculada à escrita, como é a área de Letras, deve posicionar-se diante desta cultura audiovisual? Resposta dada por Jobim: várias respostas a esta questão podem ser enumeradas. Escolheremos duas, a título de provocação: 1 deve-se prover o aluno de todo o volume de conhecimentos cuja carência se acredita ser o problema. 2. deve-se discutir a literatura em suas relações com outras formas de escrita sobre a experiência humana.¹⁵

Em um contexto escolar e na perspectiva lançada acima, o professor de Língua Portuguesa na escola de ensino fundamental (conseqüentemente o profissional de Letras, o professor de produção textual, de gramática e de literatura) ao preparar o planejamento anual das aulas, deve buscar referencial teórico que sustente o programa de ensino, a partir do uso de livros e textos de gêneros diversificados, ida à biblioteca, interação e diálogo na Internet ou era digital, verificar sempre o que há de novidade na biblioteca da escola, estudando as possibilidades de leitura para os alunos, além disso, incentivar constantemente o empréstimo de livros pelos alunos.

Para relacionar os objetivos do programa de ensino, o professor deve partir do pressuposto de que a Literatura é “uma construção discursiva” (Jobim,1996), que visa propiciar ao aluno conhecimento sobre as formas de manifestação de linguagens para o aprimoramento cultural na formação de um sujeito crítico-reflexivo e amante da estética. Refletir os caminhos e descaminhos do uso da Literatura como instrumento de pesquisa e de aprendizagem no desenvolvimento do processo de aprimoramento da produção textual no ensino fundamental. Motivar o hábito de leitura de obras da Literatura Brasileira. Fomentar a realização de pesquisa na escola de ensino fundamental; Estudar a noção de mito e a linguagem nas obras da literatura infanto-juvenil, a partir do resgate histórico-cultural e sua aproximação com a realidade cotidiana. Incentivar a produção de texto narrativo, respeitando a estrutura, utilizando uma linguagem clara, coerente, que trata dos fatos com verossimilhança e valor estético.

Visando construir conhecimento a respeito da presença da Literatura como instrumento de pesquisa e de aprendizagem na escola de ensino fundamental, o professor precisa trabalhar na busca de dados que facilitam avaliar e atribuir capacidades positivas e negativas do estudo em si, focalizando a literatura como meio de apropriação e de descoberta. Focar o estudo no ensino fundamental num caráter explicativo, buscando sempre mostrar experiências utilizadas e codificar resultados. Captar informações, comparar dados coletados e conseqüentemente avaliar descritivamente estes

¹ ⁵ JOBIM, José Luiz. A Crítica da Teoria: uma análise institucional. In: A Poética do Fundamento. RJ: EDUFF, 1996. p. 64/65.

dados na busca de valores que nos mostrem sintetizar e avaliar estes pareceres, refletindo criteriosamente.

A partir de um estudo teórico-descritivo da presença da literatura na escola é possível estabelecer critérios de observação, de mensuração e de recepção da sua importância no desenvolvimento intelectual dos alunos que frequentam a escola de ensino fundamental. Utilizando assim a literatura como um estudo teórico-prático a respeito do seu uso como instrumento e método pedagógico para o desenvolvimento do processo de escrita e; bem como, levantar dados de seu funcionamento, práticas educativas e metodológicas, contribuição e aspectos que expliquem sua importância atualmente no processo de desenvolvimento de leitor-produtor de textos autônomo e proficiente. Para tanto, o professor precisa estar ciente da metodologia da pesquisa participante, qualitativa, a fim de refletir e transformar sua prática docente em resultados qualitativos. Como bem Brandão descreve:

[...] a pesquisa participante auxilia a população envolvida a identificar por si mesma os seus problemas, a realizar a análise crítica destes e a buscar as soluções adequadas. Deste modo, a seleção dos problemas a serem estudados emerge da população envolvida, que os discute.¹⁶

Este papel descreve fundamentalmente a que se propõe a literatura na escola de ensino fundamental no que diz respeito ao seu uso como instrumento pedagógico de desenvolvimento do processo de escrita; outrossim, valorizar a literatura, e fazer com que os alunos escolham ler e ser proficientes, que eles decidam o rumo de sua leitura, os métodos de procura e principalmente as bases de sustentação de sua visão própria, com base na leitura de obras literárias.

Esse tipo de pesquisa parte da visão cotidiana do indivíduo que tenta compreender a história em que vive, vivenciando e memorizando sua memória individual, buscando dentro de seus conceitos prévios estabelecer um paralelo de reflexão sobre o que quer experimentar. Busca fazer uma análise crítica de seu objeto de estudo, promovendo assim um conhecimento mais objetivo sobre o assunto pesquisado. Nessa perspectiva, cada objeto estudado pode ser estruturado de diferentes maneiras e jamais se pode esperar resultados iguais, se o mesmo for trabalhado por diferentes grupos. Haverá diferentes interpretações e os resultados apresentar-se-ão diferentes. A pesquisa considera como ponto de partida o conceito de um indivíduo concreto e inserido em uma sociedade gráfica, porém carente de leituras, carente de conhecimentos, de saberes, o qual necessita ser trabalhado a fim de fazê-lo ter uma análise crítica das situações vividas, culminando em um processo final de transparência e legitimidade de saberes. Aqui se discutirá o real papel da literatura na escola de ensino fundamental e seu uso eficaz no desenvolvimento do processo de escrita de textos literários e não-literários,

¹⁶ BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). Repensando a pesquisa participante. São Paulo: Editora Brasiliense. 3ª ed., 1987.p 60-61.

as partir da experiência e da visão dos próprios estudantes quando na biblioteca ao escolherem seu livro.

Uma possibilidade de motivar o hábito de leitura desde a escola básica pode passar por um planejamento de aulas por etapas, quais sejam: motivação, contação de histórias, diálogo, pesquisa bibliográfica, discussão de conceitos, apresentação de conceitos, análise de textos: escrito e midiático, leitura de obras literárias, inferências, estudo do mito, aproximação do mito e da realidade com o texto literário, análise de roteiro de filme, texto literário e texto televisivo, estudo do contexto sócio-histórico, estudo do texto da obra literária (linguagem e estrutura), estudo do autor, estudo do mito e argumento do mito, produção de texto.

Na metodologia da pesquisa o professor muitas vezes envereda para caminhos ainda não trilhados, mas que se mostram possíveis quando se pensa no aprendizado de todos os sujeitos envolvidos no processo escolar. A realização de atividades que visam a leitura, recepção, estudo de obra literária e produção de texto narrativo torna-se bastante significativa porque os alunos mostram que aprendem a contar história e a criar um mito, compreendem as características de personagens heróicos, além de lerem muito mais do que estavam acostumados a ler em função de executarem passo a passo a atividade. Por intermédio de pesquisa em biblioteca e em casa, da socialização e discussão em sala de aula, os alunos aprendem que a leitura pode ser muito prazerosa quando há concentração e objetivos a realizar, tendo por fundamentos as interfaces de conhecimento em língua, linguagens,

historia, geografia, mitologia, teoria da literatura, com a análise da linguagem e da estrutura do texto narrativo, por meio da leitura prazerosa.

A figura do professor constitui-se em fator preponderante para o bom aproveitamento do tempo, da organização das tarefas e do uso adequado dos recursos disponíveis, bem como do desenvolvimento das estratégias por meio da mediação e da interação de todos os envolvidos com as atividades desencadeadas no processo de aprendizagem. Os alunos não só mostram que aprendem, bem como demonstram interesse em compartilhar todo esse conhecimento com os pais, amigos e demais professores. Os resultados podem ser vistos nos trabalhos produzidos, em função de surgirem textos inéditos, que se transformam em literatura, conforme nos define Lajolo^{16a}, mas não em uma literatura consagrada como quer o estudo do Cânone, e sim em uma literatura de iniciantes, de recém-leitores-escritores em desenvolvimento e ascensão.

Retomo aqui as palavras de Antônio Cândido¹⁷ quando define a função da literatura e define suas faces, dizendo que “a função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório mas humanizador [...]”. Pode-se distinguir três faces: a literatura como uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; literatura como forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; e literatura como uma forma de

^{16a} LAJOLO, Marisa. O que é Literatura. São Paulo: Nova Cultural/ Ed Brasileira. Primeiros Passos, 1986.

¹⁷ CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. 1995:244.

conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. Assim, para ele, toda obra literária é antes e mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção, isso porque a produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado. Com isso, toda obra literária pressupõe superação do caos, determinada por um arranjo especial. Entretanto, a experiência de cada um dos leitores e dos sentimentos, emoções, desejos e evocações da obra são geralmente vagos, criam uma ordem definida que serve de padrão para todos e é dessa forma que a todos humaniza, permitindo que os sentimentos passem do estado de mera emoção para a forma construída, que assegura a generalidade e a permanência. Portanto, a literatura é uma necessidade universal imperiosa, fruí-la é um direito das pessoas de qualquer sociedade, desde o índio que canta as suas proezas de caça ou evoca dançando a lua cheia, até o mais requintado erudito que procura captar com sábias redes os sentidos flutuantes de um texto literário.

Para encerrar, retornamos à escola, à sala de aula e às idas e vindas à biblioteca, na consulta em aportes textuais variados e na leitura orientada ou não, com ou sem discussão das obras literárias, isso tudo pode transformar as aulas de Língua Portuguesa no ensino básico em um espaço dinâmico, integrado e interdisciplinar, um laboratório, em que o estudo do livro de literatura, aliado ao estudo de outras mídias também, não é um mero instrumento de trabalho, mas um dos fundamentos da aprendizagem significativa, que não pode ser deixado de lado, principalmente quando

queremos ter no Brasil leitores proficientes e escritores consagrados pela crítica e pela academia.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1996
- _____. **O Rumor da Língua**. Trad. de Mário Laranjeira. SP: Editora Brasiliense, 1988.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **Sistemas de ensino sistemas de pensamento**. In A Economia das Trocas Simbólicas. Tradução Sérgio Micelli et alli. SP: Perspectiva, 1999.
- BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Trad. José Roberto O'Shea. RJ: Objetiva, 2000.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Ed. Brasiliense. 3ª ed., 1987.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos?** Tradução de Nilson Moulin. SP: Companhia das Letras, 1993.
- CANDIDO, Antônio. **O Direito à Literatura**. In: Vários Escritos. S.P: Editora Ática, 1987.
- CEREJA, William Roberto. & MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: Linguagens**. Livro didático. São Paulo: Atual Editora, 2002.

FARACO & MOURA. **Língua e Literatura**. Coleção. São Paulo: Ed. Ática, 1995

FREIRE, Paulo. **Alfabetização: leitura de mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

JOBIM, José Luiz. **A Crítica da Teoria: uma análise institucional**. In: A Poética do Fundamento. RJ: EDUFF, 1996.

LOBATO, Monteiro. **Obras completas**. Editora Brasiliense, 1997.

LAJOLO, Marisa. **O que é Literatura**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Nova Cultural/Ed. Brasiliense, 1989.

MELO, Cristina. **Ensino de literatura; perspectivas atuais**. In: Formando uma sociedade leitora. In: 7ª Jornada de Literatura. Passo Fundo, 1999.

MOYSÉS, Leyla Perrone. **As Altas Literaturas**. SP: Companhia das Letras, 1998.

LEAHY-DIOS, Cyana. **Signos brasileiros da educação literária**. In: Educação Literária como metáfora social. RJ: EDUFF, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **A Prática Reflexiva no Ofício de Professor: Profissionalização e Razão Pedagógica**. São Paulo: Artmed, 2002.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira Ramos. **Este rumor Catarina**. In: Cadernos de Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS. Porto Alegre, Vol. 6. Número 1. Agosto de 2000.

SOUZA, Eneida Maria de. **A Crítica Cult**. BH: Editora da UFMG, 2002.

ZILBERMANN, Regina e LAJOLO, Marisa. **Livros didáticos, escolas, leituras**. In: A Formação da leitura no Brasil. SP: Ática, 1996.